



# M MASSAS

ORGAO DO PARTIDO OPERARIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

24 de Março de 2011

**Líbia – um novo Iraque, um novo Afeganistão**

## **O imperialismo impulsiona as tendências bélicas do capitalismo em crise Defender a nação oprimida contra os colonialistas!**

Os comandantes do ataque à Líbia consideram que a Força Aérea do País já não mais existe. “Tiramos seus olhos e seus ouvidos” – é o que diz o general inglês Greg Bagwell. O grasnido da ave rapina indica a certeza imperial de que a capacidade de defesa de Kadafi foi liquidada e de que já não há nenhum perigo para os aviões dos invasores.

De fato, a velha Força Aérea, como de resto todo armamento da Líbia, não passa de sucata comprada a preço de ouro da indústria comandada pelas potências. Nenhum país semicolonial tem como constituir uma defesa minimamente resistente aos armamentos suntuosamente chamados de última geração.

Desde a 1ª Guerra Mundial, e, sobretudo, na 2ª Guerra, as potências agigantaram a produção de armas. A Alemanha se destacou, até a sua esmagadora derrota em 1945. O mesmo se passou com o Japão. Os Estados Unidos tomaram a dianteira da Europa arrasada e do Japão esmagado. Nunca o imperialismo alcançou tamanha capacidade de destruição como agora. E também nunca houve uma hegemonia de uma potência como a alcançada pela burguesia americana no pós-guerra.

A ex-União Soviética, submetida à política nacionalista de Josef Stálin, procurou trilhar o caminho da competição armamentista. Chegou a ter uma considerável capacidade de defesa. Mas para sua estreita economia, cercada pelo capitalismo mundial, se constituiu em pesado fardo, contraditório com as necessidades de desenvolvimento socialista das forças produtivas e impossível de sustentá-lo. Hoje, a Rússia restauracionista comparece como uma nação de capitalismo decadente. A China, por sua vez, não chegou a ter um poderio militar comparável a qualquer uma das potências. Vem dinamizando sua indústria bélica sob as novas condições abertas pela restauração e por sua projeção econômica.

Rússia e China têm claro que a decisão de derrubar o governo de Kadafi desde o exterior é mais uma ofensiva das potências em uma situação em que se alimentam as tendências bélicas do capitalismo mundial. No entanto, comportam-se como impotentes observadores e comentaristas dos excessos que comprometem a soberania de um país. Não obstante, o expansionismo e o fortalecimento da coligação imperialista acabará, no futuro, por se converter em confronto com a Rússia e China.

A tríade - Estados Unidos, Inglaterra e França - formou a cruzada anti-Kadafi. Alemanha que pousou de neutra na ONU serve de base para os Estados Unidos. A Itália que teve a Líbia como possessão idem. O Japão se encontra mergulhado na crise econômica, agravada neste momento pelo tsunami.

Não haveria o cerco militar à Líbia caso não fosse uma decisão dos Estados Unidos. Lembremos que George W. Bush desconheceu o Conselho de Segurança da ONU em sua decisão de ocupar o Iraque. Desta vez, Obama se pautou pelo “multilateralismo”. Com dois países invadidos e não “pacificados” pelo intervencionismo, não era conveniente tomar isoladamente a dianteira. Os Estados Unidos permitiram que a França o fizesse, mas apenas como iniciativa política. Com a cobertura europeia, os navios e os aviões americanos dariam as ordens e comandariam a orquestra.

Os motivos alegados pelo imperialismo americano em suas guerras no Iraque e Afeganistão, em parte, são distintos, mas no fundamental são os mesmos. Há necessidade imperiosa dos Estados Unidos manterem sua hegemonia em situação de declínio econômico. O Irã, no caso, deveria e deve pagar seu tributo. A resistência do regime nacionalista é motivo de guerra. A Líbia faz parte desse processo. Mas a eclosão da guerra civil a antecipou em relação ao Irã. Esse, sim, é o objetivo estratégico com o qual se preparava um conflito muito mais complicado e amplo que o do vizinho Iraque.

A necessidade de intervenção na Líbia se colocou inesperadamente. Kadafi havia se tornado um bom déspota. Entre o regime democrático burguês e o ditatorial, o imperialismo fica com o que melhor o serve. Não faz senão seguir a lei histórica da dominação do capital financeiro. Kadafi não o servia como nacionalista. Mas, sob o cerco cerrado das potências e do isolamento árabe, Kadafi mudou. As burguesias europeia e americana estavam satisfeitas com o servilismo do clã que mantinha a disciplina das classes sociais e das nacionalidades tribais sob a forma do poder despótico.

Um choque prolongado nesse país do Norte da África desvia os planos traçados para o Irã. Traz o risco de fragmentar as forças da oligarquia árabe, cuja unidade pró-imperialismo, principalmente, pró-Estados Unidos, é fundamental para uma guerra contra o Irã. Há um agravante da crise na Líbia ser parte do levante das massas árabes no Norte da África e no Oriente Médio.

Não há maior problema para o imperialismo do que as insurreições revolucionárias contra as monarquias e as ditaduras antinacionais e antipopulares. Sob a emergência dos explorados, mesmo que não conclua com revoluções sociais, mesmo que não imponha transformações democráticas radicais, pode obrigar um reordenamento das forças burguesas e pequeno-burguesas desfavoráveis à disciplina imperial em toda a região. Eis por que o melhor seria que não ocorresse uma guerra civil em meio a esse tumulto generalizado.

Caso Kadafi deixasse o poder sem resistência às ordens dos Estados Unidos – a exemplo da Tunísia e do Egito –, o controle da onda revolucionária seguiria o caminho configurado. Está aí por que a Líbia se tornou um obstáculo à política do imperialismo. As potências se viram compelidas a passar do método político preponderante para o método militar.

Os Estados Unidos poderiam fechar os olhos para os fuzilamentos de insurgentes em Benghazi. Não o fez porque havia desfraldado a bandeira de solução pacífica dos levantes. E Kadafi representa uma ditadura adaptada ao Ocidente (potências), porém não completamente domada. Carrega a herança do nacionalismo e do uso do terrorismo. É mais fácil acobertar a monarquia sangrenta da Arábia Saudita. Kadafi descumpriu a ordem do Presidente dos Estados Unidos de parar com as mortes e entregar o poder. Esse ultimato foi defendido em conjunto pelas potências. Finalmente, tornou-se imperativo para os Estados Unidos arrancar Kadafi do poder, vivo ou morto. A fração capitalista vinculada à indústria bélica certamente usou de sua poderosa influência para que a tríade movimentasse a máquina bélica. A intervenção na Líbia, afinal, é um problema a mais para o colonialismo imperialista.

Assim que começaram os bombardeios, a tríade se deparou com a questão da hegemonia. A França tomou a dianteira dos ataques. Não era para ser assim. O comando natural é das Forças Armadas americanas. O que parecia um distúrbio de coordenação, no quinto dia da operação, expressou divergências. A França não podia agir com independência à estratégia do Pentágono. Obama havia deixado claro que o ataque à Líbia seria de responsabilidade conjunta quanto ao envio de armamentos e de homens, bem como quanto aos gastos. Mas não quanto ao comando.

Não era e não é do interesse da Casa Branca se destacar como o ocupante da Líbia que esmagou a resistência de Kadafi. Em outras palavras, não pretende sozinho empapar em sangue líbio sua bandeira de democracia e de direitos humanos. Já tem sido muito difícil carregá-la de tão tingida que está pelas mortes de iraquianos e afegãos – os mais visíveis. Também não pretende que a invasão apareça como uma causa americana, quanto mais universal, melhor. E, finalmente, que sua face imperialista não seja identificada com clareza. Essas condições devem ser mantidas, sem contudo ferir em nada a sua hegemonia.

A solução está em entregar para a Otan a tarefa de ocupar a Líbia. Essa via acoberta os Estados Unidos e dissolve as pretensões da França. Sob protesto da Itália que não pretende apenas servir de base de operações às forças da coalizão e do descontentamento de outros países europeus, discute-se a formação de um conselho de ministros do Exterior. Assim, haveria um comando político de ministros e um militar, regido pela Otan.

A resposta às discrepâncias não é tão simples. A Otan não pas-

sa de um braço do aparato intervencionista dos Estados Unidos. No Afeganistão, responde pela violenta opressão. O imperialismo americano se vale desses instrumentos de aliança política e militar para exercer a hegemonia. É o caso das forças de ocupação da ONU, ditas pacificadoras, e das forças da Otan, ditas de paz. O exemplo mais flagrante de “pacificação” é o da intervenção no Haiti. A semicolônia controlada pelos Estados Unidos não tem possibilidade de um só ato de vontade própria.

O fundamental está em que as diferenças não impediram os ataques à Líbia. É um caminho sem volta. O imperialismo irá até onde as condições políticas e sociais permitirem para liquidar Kadafi e seu clã. A justificativa e o sentido ideológico de atacar as forças do regime, embasada na suposta defesa da população civil, se dissiparam. Os mísseis de alta precisão não distinguem o militar do civil, seja Trípoli, Ajdabiya, Zawiya ou Misrata. Se as armas do ditador matam civis, é genocida; se as armas do imperialismo os matam, é libertadora. Os bombardeios se encarregam de desmascarar a falsa distinção. E escancaram a barbárie do capitalismo.

A intervenção não recai tão-somente sobre o regime de Kadafi, mas sobre a Líbia. Trata-se de um ataque ao país semicolonial, de economia atrasada e incapaz de se defender numa guerra convencional. Não se pode separar a ditadura de Kadafi do país. Isso, mesmo em situação de guerra civil. O imperialismo atua por cima do País, das partes em luta e do conjunto da população. A derrubada do governo não será produto da guerra civil, mas da violência contra-revolucionária desfechada pelas forças externas e estranhas às massas, às classes sociais, às tribos e ao conjunto de relações históricas da Líbia.

A agressão da Santa Aliança colonialista somente pode ser combatida pelo levante do povo líbio. As potências contam com a divisão do País para que não se tenha uma unidade antiimperialista. Kadafi prometeu armar um milhão de seguidores. No entanto, os ataques progrediram e o ditador permaneceu preso às palavras. Os insurretos de Benghazi acreditam que a França, Estados Unidos e Inglaterra serão seus salvadores. A verdade é que, caso não se reverta essa divisão por meio da luta de defesa nacional e da revolução, a Líbia se fragmentará e cederá passagem ao colonialismo.

A Resolução 1973 da ONU expressa o adiantado estado de putrefação do capitalismo mundial e de degenerescência da burguesia internacional. Representa a mais completa negação do direito à autodeterminação dos povos. Confirma a tese de que os Estados Unidos e sua coligação imperialista podem bombardear qualquer país, seja lá o motivo que aleguem. E reflete as tendências bélicas da crise mundial. Não há mais guerra civil na Líbia. E não haverá enquanto as forças das potências estiverem ocupando o País, mesmo que seja pelo cerco marítimo e aéreo. A Líbia já está sob invasão estrangeira.

A classe operária internacional, as massas exploradas e a juventude devem rechaçar a via imperialista de derrubada da ditadura de Kadafi. Deve defender a bandeira de autodeterminação das nações: somente as massas líbias podem se livrar ou conservar o regime sanguinário e obscurantista de Kadafi. A partir do momento em que as potências passaram a atacar militarmente a Líbia, a tarefa que se colocou é constituir uma frente única antiimperialista. Derrotar o imperialismo – eis a tarefa e o objetivo estratégico da situação.